Comunidade Portuguesa no Canadá

Quase no termo de uma estadia de doze dias em Toronto e Montreal, um professor de matemática, português com uma dezena de anos de Quebeque, dizia-me com um sorriso meio irónico: «Pode crer que este país está a caminho do tal socialismo em liberdade...»

Se isto me tivesse sido dito logo à chegada, admirar-me-ia certamente. Mas naquela altura a frase pareceu-me corresponder à realidade, tanto fora o que aprendera acerca da construção de uma sociedade de bem-estar num país com quase três dezenas de grupos étnicos.

Já em Lisboa, mais europeu do que partira — embora com a consciência meio dolarizada —, admirei-me bastante de algumas críticas sentidas que ainda hoje muitos emigrantes portugueses dirigem ao sistema canadiano, mas do qual poucos pensam libertar-se na velhice.

Significará isto que o português está desenraizado? Que fazendo parte da máquina não colhe os benefícios da manutenção do lazer?

Responderei afirmativamente, embora não recomende um juízo definitivo com base nesta experiência de uma dúzia de dias. Porque o português é um homem complexo e o Canadá país jovem. Aquele via neste o «eldorado» e este entende-o como mais uma contribuição para o desenvolvimento. E sendo os objectivos tão diversos, parece-me inevitável o choque.

Garanto-vos que não fui em busca das críticas ao sistema, mas apenas constatar quem são e como vivem os 200 ou 300 mil portugueses que saltaram o Atlântico em busca de melhor. Resumiria as conclusões nestes termos: o dia a dia rende-lhes bem, mas o que sabem sobre Portugal é tão pouco e mau que renegam à cidadania e naturalizam-se canadianos por 10 dólares.

Portugal e os seus políticos, ambos pedindo muito mas oferecendo pouco, em troca — nem que seja a mais comezinha boa-vontade — devem abrir bem os olhos para algumas palavras que vamos imprimir. Mas todos nós, enquanto cidadãos do mesmo país fornecedor de braços a pataco, devemos estar atentos a um mundo além da Europa a que em breve estaremos ligados politicamente.

E não se esqueçam, por favor, dos portugueses que optaram pelo país da folha do ácer.

Fonseca Bastos, enviado especial

Canadá

Mais uns tantos milhares de descontentes

O Canadá é longe e o traço de união chamado Atlântico bem largo. Daí, talvez, saber-se muito pouco sobre este país jovem e gigantesco, paradoxalmente com uma população apenas superando duas vezes e meia a de Portugal, e onde a nossa comunidade se avalia em 200 000 pessoas.

As suas dez províncias e dois territórios autónomos ocupam uma extensão territorial imensa (à viagem de avião de uma costa à outra é mais longa que a travessia do Atlântico...), embora a densidade populacional seja baixíssima e mais de metade viva na parte meridional do Ontário e de Quebeque, onde a terra é fértil e arável (no conjunto nacional a lavoura ocupa apenas oito por cento da área aproveitada, sendo metade do país coberta de florestas).

Só aparentemente esta nação com 111 anos de existência e limitada a Norte pelos gelos do Alasca, a Oeste e Leste pelos oceanos Pacífico e Atlântico e tendo como único vizinho os Estados Unidos (que controlam 58 por cento da indústria transformadora e 74 por cento das minas em laboração) — só aparentemente, diziamos, este país tem poucos recursos económicos. Também não serve de exemplo o caso da província de Alberta, cujo rendimento per capita é de 10 000 dólares anuais (cerca de 400 contos) à custa da exploração petrolífera.

Contudo, recursos florestais, minerais, agrícolas e pesca (Newfoundland, Nova Scotia, New Brunswick e Prince Eduard Island); água com potência hidroeléctrica (Ontário e Quebeque); solo rico e de produções abundantes (Manitoba, Saskatchewan e Alberta), além de vastos campos petrolíferos e de potassa apenas em Alberta, mais minerais e pomares nos vales férteis das Montanhas Rochosas, não recomendam a nenhum analista apressado lançar-se em juízos de valor.

País conhecedor duma crsie económica grave há perto de vinte anos e que desde 1967 — ano em que comemorou o centenário da independência — vem modificando constantemente a sua imagem sobretudo dentro das fronteiras, o Canadá surge-nos hoje como um país cheio de potencialidades e apostado no investimento para o futuro. As somas fabulosas gastas na educação são em si mesmo um exemplo interessante.

Apesar de, fora das cidades de Toronto e Montreal — e não vimos outras por escassez de tempo e meios —, a paisagem ser triste e pouco interessante em termos europeus, a vida comunitária afigura-se suficientemente organizada e, exceptuando um ou outro grupo marxista, as críticas ao sistema são normalmente construtivas e visam aspectos de pormenor numa mesma filosofia de sociedade.

Desde logo a estrutura governamental, com três níveis diferentes — federal, provincial e municipal, — está estabelecida de molde a que o chamado povo exerça o controlo político periódico do sistema. Os cargos públicos obtem-se por eleição e o sufrágio directo e secreto tanto funciona para o presidente da câmara, como para o delegado da direcção escolar do bairro.

Por outro lado, os municípios são independentes do governo provincial e estes do federal, existindo partidos nacionais e outros apenas provinciais que pontificam nos governos da sua região. De resto, num país pleno de contrastes multiculturais, nunca ninguém tem a maioria absoluta em termos europeus, porque a opinião pública é sensível a tudo o que a rodeia e faz rolar cabeças com extrema facilidade. É assim que Pierre Trudeau, o actual primeiro ministro federal, parece ter os seus dias de governante contados, porque a social-democracia não convenceu muito e os conservadores espreitam a oportunidade. Mas a maior parte das mutações políticas ocorrem no meio de ambiente festivo, em que o derrotado cumprimenta o vencedor perante as câmaras da televisão e os flash dos fotógrafos e, um tanto surpreendemente, afirma: «Ele ganhou bem, veremos se cumpre o que prometeu». Ai dele que não cumpra, dirá o homem da rua!

Uma das universidades de Montreal, capital da província do Quebeque. Num país que aposta no futuro, o ensino superior tem papel de relevo.

Os portugueses não percebem

Em que medida os imigrantes portugueses participam em tudo isto? Sem que a opinião corresponda a juízos definitivos — insistimos neste ponto —, diríamos que a comunidade, fraccionada em duas, ou está ambientada e optou pela cidadania canadiana (participando nos actos cívicos do país), ou continua desenraizada e, não entendendo o inglês ou o francês suficientemente, interroga-se sobre o que se passa à sua volta. Com isto não se pretende demonstrar que os segundos são mais portugueses que os primeiros, se bem que o contrário mais seguro.

Depois de escutarmos longas dissertações acerca do multiculturalismo como política canadiana de unir os diferentes povos com origens étnicas muito diversas, e perceber qual a extensão dos direitos concedidos a nacionais e imigrantes — os segundos só não têm acesso aos cargos públicos — percebemos que o maior problema dos portugueses é terem sido dos primeiros povos a pisar terras do Novo Mundo (Jaime Cortesão defende a teoria de que Diogo de Teive chegou em 1452 à América do Norte, através de Newfoundland, precedendo Cristóvão Colombo que estaria nas Índias Ocidentais 47 anos mais tarde), mas só há pouco mais de 25 anos «descobriram» verdadeiramente o Canadá como país de vida e trabalho.

E, conhecidas que são as orgiens modestas da grande massa migratória portuguesa, fácil é perceber que a barreira linguística tem funcionado como catalizador de pequenas manchas lusas nas cidades de Toronto e Montreal, as quais têm hoje o seu bairro próprio — subtilmente conquistado aos judeus, — como é o exemplo de Kensignton na capital do Ontário.

Para encurtar ideias: quem não se adaptou ao meio vive junto dos compatriotas; quem assimilou a língua abandonou o «ghetto» e espalha-se hoje um pouco por toda a cidade.

E se bem que há 10 ou 15 anos o tratamento dado aos imigrantes fosse discriminatório — a falta de especialização profissional para isso contribuia, — de 1967 em diante as coisas melhoraram enormemente. Hoje em dia só não domina o inglês e o francês quem não quer, porque os governos provinciais facultam a aprendizagem gratuita a toda a gente. De resto, como alguns dos nossos entrevistados reconheceram, nacionais e imigrantes têm hoje as mesmas facilidades de acesso ao ensino e a ninguém é negado o direito de se especializar num determinado ramo, contando até com a colaboração permanente de conselheiros profissionais.

Mas o fraccionamento da comunidade portuguesa em Toronto e Montreal fez surgir vários problemas específicos, um dos quais (quanto a nós o mais grave) é o regionalismo exacerbado. Impressionou-nos constatar que, longe da Pátria, os portugueses se dividem em açorianos de S. Miguel e do resto do arquipélago, em madeirenses de Porto Santo e da ilha maior e em «continentais do Norte, do Sul, da Beira, de Trás-os-Montes e de outras zonas que, um tanto estupidamente, identifiquem as pessoas por uma qualquer característica dialéctica ou étnica! Dir-se-ia que há uma preocupação extrema em descobrir aquilo que nos separa e não o que nos une...

Tudo isto não falando na pr[illegible]a divisão que o poder económico p[illegible]ícia. Há em cada um de nós a mania de que não se enriquece a trabalhar, mas a roubar. Se o vizinho tem um automóvel novo, imaginamos os golpes que ele terá aplicado para o conseguir... e por aí adiante.

Mas, voltando ao multiculturalismo a que atrás aludimos, as tais divisões no seio da comunidade portuguesa começam a produzir os primeiros resultados negativos. Assim, embora

(Continua na pág. XII)

TAPETES
ARRAIOLOS

Os nossos tapetes distinguem-se, levam uma etiqueta.

1 – TREVO DE 4 FOLHAS
Símbolo de qualidade e perfeição

ARRAIOLOS TREVO, LDA.
Av. Óscar Monteiro Torres, 33-A
Tel.: 77 84 15

165 AUGUSTA AVENUE
TORONTO, ONTÁRIO M5T 2L4
TELEF.: 364-5670

812 DUNDAS STREET WEST
TORONTO, ONTÁRIO M6J 1V3
TELEF.: 868-0984

CORDEIRO'S

IMOBILIÁRIO E ELECTRODOMÉSTICOS

AMÉRICO AMARAL
PRESIDENTE

ESCRITÓRIO
156 AUGUSTA AVENUE M5T 2L5
TELEF.: 362-4804
TORONTO

Ernesto Feu: «Não se tem feito muito pelos emigrantes...»

Ernesto Magalhães Feu, licenciado por uma universidade portuguesa, é o ex-consul de Portugal em Toronto e demitiu-se da carreira diplomática quando o quiseram transferir para a Beira (Moçambique), há cerca de um ano. Regressado a Portugal após a exoneração, não teve dificuldades em voltar à capital do Ontário na condição de emigrante.

Garantiram-nos que a sua ida para Moçambique teria muito a ver com um acto de vingança pessoal de um socialista «argelino» muito conhecido, mas Ernesto Feu preferiu não abordar o assunto. Está, como é costume dizer-se, como «peixe na água», continuando, de uma forma diferente, a trabalhar para a comunidade portuguesa de Toronto.

É dirigente da «Portuguese Free Interpreters», associação subsidiada pelo Governo do Ontário que presta todo o tipo de auxílio aos emigrantes portugueses, desde o preenchimento de documentos para o Fundo do Desemprego até à resolução de outros problemas mais complicados e que exigem um conhecimento aprofundado dos mecanismos legais do país. Os serviços são completamente gratuitos e possui ainda uma secção destinada à promoção de programas educacionais e culturais, bem como aulas de inglês e de preparação de cidadania; programas de adaptação (que incluem excursões e visitas a locais que os portugueses devem conhecer), o principal dos quais são as sessões nocturnas dos meses de Fevereiro e Março, em que aos portugueses são explicadas as condições de preenchimento do boletim de impostos — uma coisa de longe mais confusa que o famigerado impresso do Imposto Complementar português.

Verdadeiramente apaixonado em trabalhar para os seus compatriotas, Ernesto Feu lançará, a partir de Janeiro, um programa estimulador do gosto pela educação física e desportos entre a juventude portuguesa, e outro para iniciação teatral e actividades culturais — uma tentativa para descobrir novos talentos.

Independentemente de programas específicos para as crianças e os velhos, a «Portuguese Free Interpreters» e Ernesto Feu foram os dinamizadores do I Congresso da Comunidade Portuguesa no Canadá e estão na origem da deslocação, em Abril do próximo ano, a Toronto, do Grupo de Teatro dos Bombeiros Voluntários de Cascais, que representará a opereta «Senhora dos Navegantes». Mas também o pianista Adriano Jordão acaba de se oferecer para uma série de actuações na capital do Ontário, estando a ser programada a sua deslocação.

Para além do mais, Ernesto Magalhães Feu é, indiscutivelmente, o homem que maiores conhecimentos possui sobre problemas da comunidade portuguesa no Ontário. Ao mesmo tempo, mantém excelentes relações de amizade com governantes provinciais e federais. E, caso único de que nos apercebemos, a pessoa cuja conduta individual não sofre contestações ao nível da comunidade. Talvez por isso, muitos apostam em Ernesto Feu como futuro líder político luso-canadiano. Dentro de um ano, quando se puder naturalizar, muitos pensam empurrá-lo para um cargo público.

JORNAL NOVO — Em certa medida, há em Portugal a ideia de que o emigrante é um cidadão que enriquece no estrangeiro e ao fim de uns anos de trabalho duro regressa à Pátria para gozar no seu país o que ganhou no exterior. Acha que este ponto de vista é correcto no que toca à maioria da comunidade do Ontário?

ERNESTO FEU — Creio que, em princípio, a maior parte das pessoas que emigra tem essa ideia. Pensam passar uns anos fora do país arranjando um pé-de-meia e depois regressar a Portugal. Mas, na verdade, a maioria dos imigrantes do Canadá acaba por se estabelecer neste país com carácter de permanência, por uma razão muito simples: porque aqui o imigrante legal é praticamente um cidadão de pleno direito. De resto, pode-se obter a nacionalidade canadiana ao fim de três anos e aí, sim, os direitos são idênticos aos de qualquer natural de cá.

Um segundo aspecto que obsta ao regresso a Portugal é o hábito ao tipo de vida deste continente, o qual tem uns pequenos confortos e comodidades que não existem em Portugal. Há ainda o enraizamento dos filhos no meio local.

Por este conjunto de razões, serão aí dois por cento os que vêm para aqui, juntam dinheiro durante uns anos de trabalho e, no final, regressam definitivamente ao país.

JN — Presentemente as remessas dos emigrantes constituem uma das maiores fontes de divisas para Portugal. Inversamente, que tem Portugal feito pelos seus nacionais emigrados?

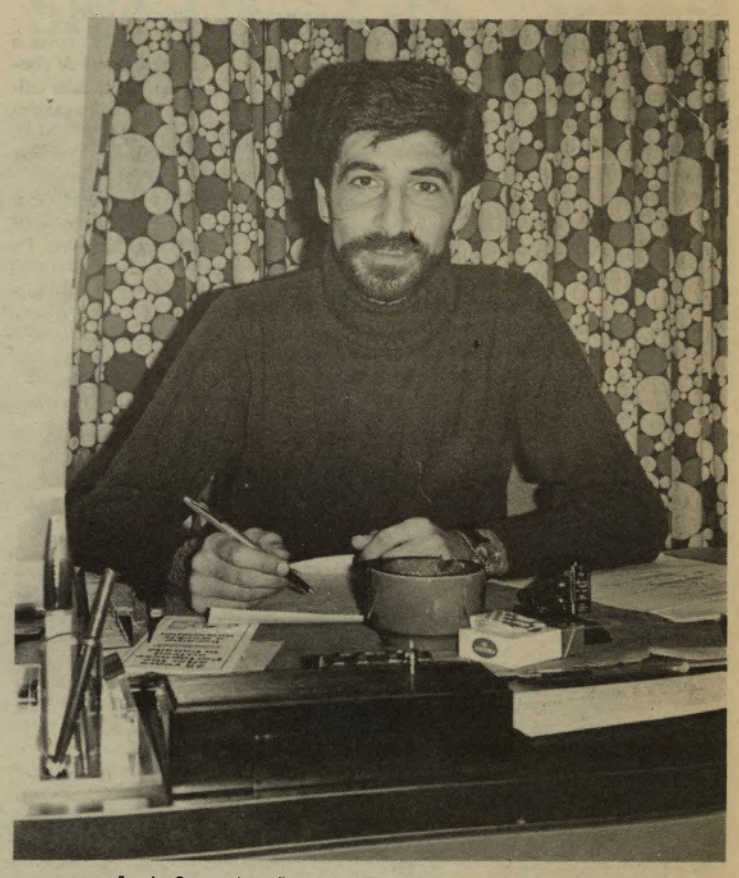
EF — É preciso notar que, desde a minha chegada aqui, logo a seguir à revolução de 25 de Abril, a situação nesse aspecto tem sido crítica, uma vez que a sucessão de Governos não permitiu, talvez, a existência de uma política de emigração definida. Não havia, nem há ainda quatro anos depois. Subsiste, sim, muito interesse pelos emigrantes, ocupando-se imensa gente a estudar as maneiras de os ajudar. Mas, talvez até devido à crise económica que Portugal atravessa, não se tem conseguido, realmente, fazer muito nesse aspecto.

O antigo secretário de Estado da Emigração, João Lima, veio ao Canadá e teve oportunidade de ver pessoalmente a situação em que os portugueses aqui vivem — que é, aliás, bastante boa. Interessou-se muito por estes problemas e, dentro das suas possibilidades, através da delegação junto do Consulado, teve a preocupação de mandar informação, na medida do possível actualizada, acerca do que se passava em Portugal.

Mas parece-me que o auxílio que o Governo Português possa dar à comunidade imigrada não é propriamente no aspecto de dinamização, embora haja quem entenda as coisas de outro modo. Ao contrário, acho que a dinamização das comunidades oferece o risco de, eventualmente, o Governo português se imiscuir nas dissidências internas da comunidade e, até — o que é delicado — poder estar a interferir em assuntos que são da competência das autoridades canadianas.

Por outro lado, penso que o Governo pode ajudar à expansão da cultura portuguesa no estrangeiro, utilizando a comunidade para esse fim. E, sobretudo no Canadá, país que melhor conheço, há esta situação única do país que nos recebeu seguir uma política de multiculturalismo — o que se entende como posição do Governo nacional em relação aos vários grupos étnicos componentes do Canadá, um dos quais é o português. E essa política multicultural tem como finalidade promover e ajudar a manter a identidade cultural do grupo. Por consequência, é reconhecido aqui no Canadá mais do que em qualquer outro país — ao contrário, por exemplo, dos Estados Unidos da América, onde se entende que todo o grupo étnico deve ser assimilado pelo grupo maioritário —, que todos os grupos têm direito a manter as suas tradições, a sua língua e a sua cultura.

O próprio Governo, nos seus vários níveis, auxilia e subsidia manifestações culturais de origem dos grupos étnicos. Portanto, se, concorrentemente, o Governo português auxiliar esse tipo de actividades, está a promover a cultura portuguesa no Canadá com todas as suas consequências. Porque se o Canadá é um país multicultural e a sua finalidade é criar uma sociedade que tenha elementos culturais e tradicionais dos grupos étnicos que a compõem, com esse auxílio o Governo português estaria a promover a presença lusa no Canadá.



«...a sucessão de Governos não permitiu, talvez, a existência de uma política de emigração definida.»

E essa presença teria até vantagens de um outro tipo, designadamente nas conversações que os dois países possam manter noutras áreas sejam económicas, sociais ou outras. Nessa ocasião, as autoridades locais teriam sempre de atender a que há grupo étnico forte de origem portuguesa e, por isso, tal factor não pode deixar de pesar na balança das relações entre os dois países.

Nessa medida, portanto, acho que se deviam fazer esforços para auxiliar essa expansão. E posso dar exemplos concretos de atitudes que seriam muito bem recebidas aqui na comunidade: subsidiar um leitor na Universidade de Toronto; promoção de intercâmbio cultural, como seja a vinda de artistas plásticos portugueses e músicos; subsidiar as ecolas portuguesas que realmente podem promover um ensino aceitável — uma das

(Continua na pág. IV)

Para onde quer que vá peça:

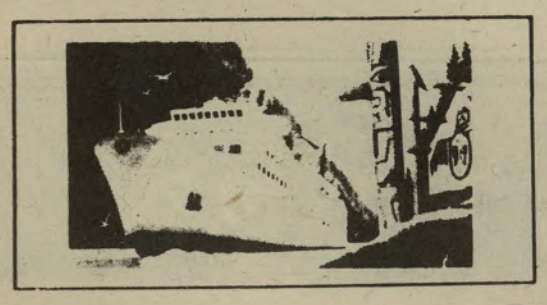
NOTARIO PÚBLICO
FRANK SILVA

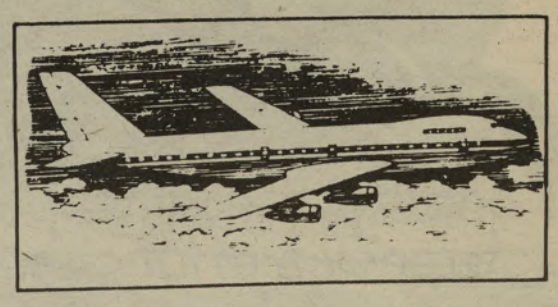
Imperio

351 COLLEGE ST. (ESQUINA COM A AUGUSTA AVE.) TORONTO
TELEFONES: 925-2175-6-7-8-9 TELEX-065-23066

A mais antiga Agencia Portuguesa de Viagens no Canadá

OPERADA POR: FRANK SILVA CO. LTD. PRESIDENTE: FRANK SILVA





- VIAGENS ARÉREAS E MARITIMAS
- EXCURÇÕES PARA QUALQUER PARTE DO MUNDO
- CHARTERS
- IMIGRAÇÃO
- TRADUÇÕES
- INCOME—TAX
- CARTAS DE CHAMADA ETC.

Imperio Tours

SECÇÃO ESPECIALIZADA NA PREPARAÇÃO DAS SUAS FERIAS PARA QUALQUER PARTE DO MUNDO

CONTACTE A SENHORA: FIROZ SHARIFF
COM SEUS LONGOS DEX ANOS DE EXPERIENCIA

Canadá

Entrevista com Ernesto Feu

(Continuação da pág. III)

escolas de Toronto tem essa comparticipação mas é pequena e não dá margem para grandes realizações. É verdade que coisas destas implicam o dispêndio de muito dinheiro, porque a vida aqui é cara. Contudo, o Governo italiano, por exemplo, gasta muitos milhões de dólares com a sua comunidade no Canadá. Tem um instituto de cultura; tem pessoal técnico especializado, que vem de Itália e está aqui única e exclusivamente para esse efeito, e que promove, praticamente todas as semanas, manifestações culturais, tais como exposições de artistas italianos, palestras sobre cultura italiana, teatro italiano, filmes italianos, etc.

Bem sei que não estamos possivelmente em posição económica de chegar a esse nível! Contudo, penso que qualquer coisa nesse campo seria muito positivo.

Cultura antes do mais

JN — Isso significa que nenhuma dessas coisas tem sido feita pelos Governos de Lisboa?

EF — Creio que o desejo de concretizar tais iniciativas tem sido manifestado e as comemorações de 10 de Junho são um exemplo. Não tem havido é uma acção regular, positiva, possivelmente devido à tal questão económica e, também, porque a situação política portuguesa não tem sido de grande estabilidade. É verdade que hoje em dia se fala bastante mais em Portugal acerca da comunidade portuguesa no Canadá e olha-se para esta gente de um outro modo, como o prova a vossa presença aqui. Mas em termos de auxílio não tem sido realmente feito muito. Esperemos, porém, que de todas estas viagens que aqui se fazem comece finalmente a surgir mais qualquer coisa de útil...

JN — O dr. Feu, que está a par do que se passa em Portugal em termos culturais e conhece como poucos as carências da colónia portuguesa nesse campo, está talvez em posição de fazer propostas muito concretas para que a nossa presença nesta zona do Globo se torne efectiva e palpável. Quais são elas?

EF — Acho que a primeira coisa a fazer seria criar os mecanismos de controlo e coordenação das actividades culturais. Existe em Toronto um Consulado-Geral, mas sem uma secção cultural. E para uma coisa desta natureza tem que haver uma secção própria pois será a única com possibilidades de se dedicar única e exclusivamente ao assunto. É que o pessoal consular daqui está mais do que ocupado com todas as questões rotineiras inerentes à sua missão, e não tem meios para se desempenhar dessa função convenientemente.

JN — Mas a Embaixada portuguesa em Otava não tem adido cultural?

EF — Infelizmente também não. De qualquer modo, o adido cultural não faria falta em Otava, pois este país é muito grande e a capital federal, comparativamente a Toronto, por exemplo, tem uma comunidade quase inexpressiva. Esse adido deveria estar aqui no Ontário, por ser o Estado de maior concentração de portugueses.

Por outro lado, o adido cultural, adstrito ao Consulado nesta cidade, deveria apenas tratar destes assuntos e não de quaisquer outros cumulativamente. Deveria ser uma pessoa que, primeiro, soubesse estimular a comunidade — porque a colónia portuguesa tem imensa gente com talento e é esse um dos trabalhos que os serviços que dirijo estão a tentar fazer. É «agarrar» o talento que existe na comunidade e está disperso. Sobretudo entre a gente nova, há muitas pessoas que têm inclinações artísticas e dispõem já de uma certa preparação cultural e de acesso aos meios locais.

Depois, então, poderia atingir-se o escalão de troca de artistas, coisa que pode ser perfeitamente negociada ao nível governamental entre os dois países. E ainda neste aspecto volto a referir a necessidade de termos um leitor de português, por me parecer que se trata de um assunto muito importante numa primeira fase.

Após este trabalho inicial e logo que estivesse criado o mecanismo, posso dizer que as possibilidades são infinitas. Na organização que dirijo tenho imensas possibilidade de começar um trabalho desta natureza. Faltam-me é os meios de o concretizar...

Os tempos mudaram

JN — É fácil emigrar hoje para o Canadá?

EF — Não, é bastante difícil. As novas leis canadianas são de tal maneira rígidas que se a pessoa tem família aqui radicada isso ainda é possível através da «carta de chamada» ou tendo uma oferta de emprego — e neste caso é preciso que tal proposta seja aprovada pelo departamento local de mão-de-obra.

Como se sabe, o nível de desemprego no Canadá é alto (anda pelos 7 ou 8 por cento) e as autoridades limitam substancialmente a entrada de imigrantes.

JN — E acha que vale a pena emigrar para o Canadá?

EF — Tudo depende da pessoa que o faz. Este país tem imensas perspectivas de futuro, com grande potencial económico e recursos inimagináveis. Porém, repito, depende das pessoas, Há gente que vem para aqui, prospera e adapta-se; outra nunca chega a penetrar na sociedade local.

JN — O dr. Feu foi um dos dinamizadores do I Congresso da Comunidade Portuguesa no Canadá, que recentemente se realizou em Toronto. Em linhas gerais, quais as suas conclusões e quais delas necessitam do apoio do Governo de Lisboa?

EF — O Congresso, que foi um sucesso, permitiu fazer-se uma análise da comunidade portuguesa aqui radicada e uma consulta a entidades representativas para determinar aquilo que pode ser feito em conjunto para melhorar o nível geral dos nossos emigrantes. E chegámos a conclusões importantes, do ponto de vista dos objectivos.

Apurou-se que a comunidade está muito isolada da sociedade canadiana e tem pouco acesso a centros de decisão. Apesar de ter sucesso em muitos campos, não atinge de facto uma posição de notiriedade no meio. Portanto, chegou-se á conclusão de que é necessária uma maior integração dos portugueses na sociedade canadiana. E quando digo integração não me refiro a uma desnacionalização da comunidade ou à sua assimilação. É, apenas, uma maior presença. A comunidade portuguesa tem de perder a sua timidez aprendendo a língua e tem de tentar imiscuir-se, por exemplo, em política. E vez de aspirar apenas a trabalhar na área geográfica da comunidade, tem de recorrer a outras companhias.

Por outras palavras, a comunidade tem de se introduzir nos assuntos do país em vez de viver isolada. Esta foi uma conclusão importante, e uma das resoluções foi criar-se um secretariado que tem como finalidade estudar as várias recomendações que se fizeram — e são muitas —, promovendo a realização regular de congressos anuais para se discutirem esses problemas. Inclusive, o secretariado terá poder para criar vários «comités» para tratar desses assuntos.

Mas tratou-se também de questões relacionadas com a expansão da cultura portuguesa, do ensino e de adaptação das crianças ao sistema local; o problema da barreira idiomática; a utilização dos vários organismos de auxílio aos imigrantes, muitos dos quais são até desconhecidos da nossa comunidade; a hipótese da comunidade pressionar para que os Governos do Canadá e Portugal efectuem acordos bilaterais sobre problemas de emigração e outros.

Foi um conjunto muito vasto de problemas que discutimos e um dos grandes sucessos do congresso foi ter-se conseguido, apesar de haver muitos grupos, de tendências políticas completamente diferentes, e pessoas com rivalidades pessoais grandes, aproximar todas elas e criar o consenso de que é necessário juntar as pessoas para que surjam iniciativas úteis sob todos os aspectos.

Recenseamento assim, não...

JN — Decorre presentemente o recenseamento eleitoral e tivemos oportunidade de constatar que em Toronto muitos portugueses ignoram o que isso significa e não estão muito motivados para se inscreverem. Significa isto falta de esclarecimento da comunidade ou desinteresse pelo que se passa em Portugal?

EF — Desinteresse não é certamente, porque a maior parte das pessoas está muito atenta aos noticiários quando se fala de Portugal e os jornais chegados de Lisboa e Porto vendem-se em Toronto bastante bem. Mas o recenseamento dos portugueses imigrados é, de facto, um problema delicado, e tenho experiência do assunto pois enquanto fui cônsul realizaram-se duas operação semelhantes. O problema está em que, numa área enorme como a que é abrangida pelo Consulado-Geral de Toronto, com jurisdição sobre o Ontário inteiro — uma extensão territorial que equivale à de Portugal, Espanha, França e Alemanha Federal juntos —, por onde a comunidade portuguesa está dispersa, quando se estabelece um recenseamento que só pode fazer-se no Consulado-Geral na capital da província e durante umas três semanas, de facto não é possível esperar que os portugueses acorram a inscrever-se para votar.

É muito difícil levar ao conhecimento das pesoas tal operação e ainda mais criar os mecanismos que permitam inscrevê-las onde quer que se encontrem. Daí o existirem normalmente uns 7000 recenseados, quando nós sabemos que a comunidade portuguesa deve rondar as 200 000 pessoas.

Outro aspecto do problema é a opção pela nacionalidade canadiana. Há hoje em dia um número de portugueses que se naturaliza cidadão deste país e, curiosamente, a tendência é para aumentar. Mas seria bom que Portugal revisse a lei da nacionalidade e permitisse que os seus emigrados não perdessem a cidadania portuguesa quando se naturalizam canadianos. O estatuto da dupla nacionalidade deveria aplicar-se nestes casos, até porque a lei canadiana não se opõe a tal. E há muitos portugueses que não se naturalizam por supor que cometem uma traição ao país de origem; enquanto outros põem de lado um certo orgulho e naturalizam-se canadianos. E, embora o inigrante seja aqui um cidadão de pleno direito, a naturalização dá às pessoas a possibilidade de ascenderem a certos postos que de outro modo não conseguiriam conquistar.

O ideal seria, de facto, o estatuto da dupla nacionalidade, pois as pessoas enquanto se integravam mais na sociedade canadiana mantinham o vínculo com o país de origem sem receios de cometerem qualquer acto antipatriótico.

JN — O desencanto dos portugueses em relação ao seu país de origem faz com que se radiquem aqui definitivamente e invistam as suas economias no Canadá?

EF — Penso que não, embora os emigrantes portugueses sejam considerados em Toronto como uns bons clientes de casas. Cada português que chega, pouco depois compra uma casa para morar. Como se sabe, as aquisições de casas aqui processam-se por crédito a longo prazo, com empréstimos de 20 e 30 anos e em que muitas vezes basta dar uma pequena entrada pagando mensalmente uma hipoteca.

Mas fora desse investimento imobiliário e de certos empreendimentos agrícolas em determinados ponto do Ontário, sobretudo no Sul, o português investe poico em grandes companhias e talvez tenha até mais capitais retidos em Portugal do que propriamente aqui.

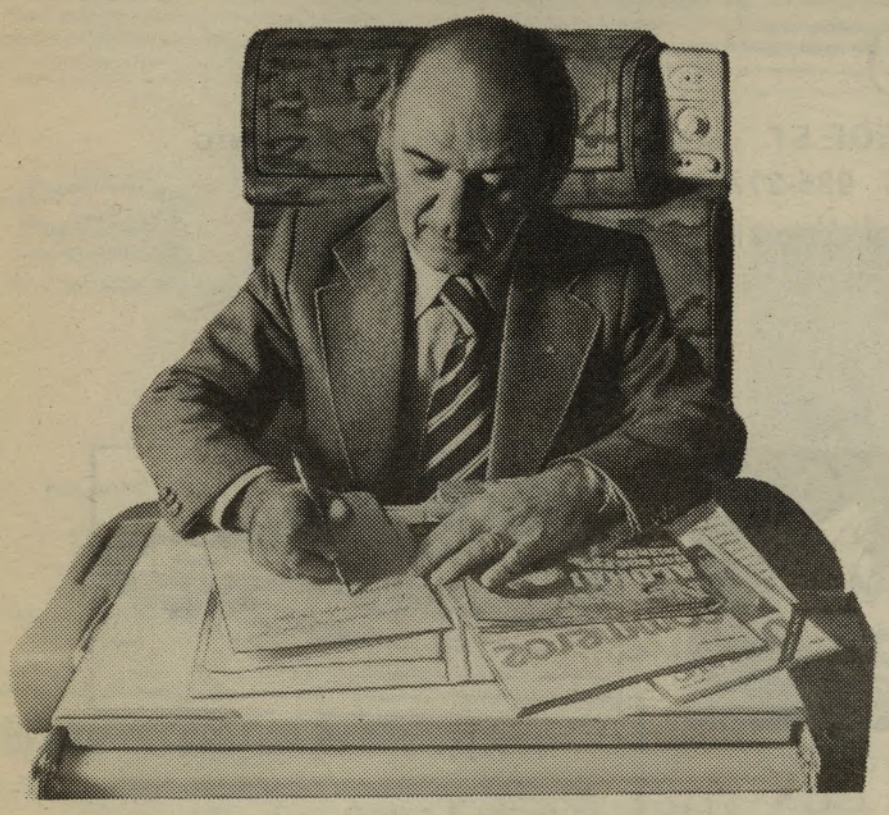
Lembro-me, por exemplo, que, pouco antes de aqui chegar, em 1974, tinha havido em Toronto uma promoção enorme de empresas imobiliárias de Portugal e houve centenas ou milhares de pessoas que adquiriram acções dessas sociedades.

JN — Para finalizar e porque o dr. Feu é uma das pessoas que maiores contactos mantém com Portugal em termos de informação e está a par do que por lá se diz e escreve acerca do que é esta comunidade, acha que, de um modo geral, o que os portugueses sabem acerca dos emigrantes do Canadá corresponde à realidade?

EF — Creio que em toda a parte a informação às vezes sofre de manipulação e deturpação, normalmente até por

(Continua na pág. V)

aqui entre nós
o seu negócio canadiano
interessa-nos!



Precisamente por isso, exigimos eficiência nos nossos aviões. Na pontualidade. No máximo conforto durante o voo para que você possa descansar. Os aviões, espaçosos e confortáveis, são os modelos maiores da linha DC 8. E até o pessoal de bordo fala português!
Precisamente por isso, oferecemos mais do que qualquer outra companhia. Os nossos voos são os únicos a servir Montreal e Toronto, no mesmo avião. Directamente. Sem escala. Com ligações rápidas a todas as principais cidades do Canadá e dos Estados Unidos.
Para que os seus negócios sejam tratados no local exacto. Sem perdas de tempo.

VOE NA CANADIAN PACIFIC, A EXPERIÊNCIA MAIS LONGA NA ROTA PORTUGAL - CANADÁ

CP Air
Canadian Pacific

Consulte o seu Agente de Viagens ou a CP AIR
Av. da Liberdade, 261 - Tel. 53 95 11/6 - Lisboa

INTERNATIONAL – MULTICULTURAL

BOOK STORE

547 College Street – TORONTO

LIVROS – REVISTAS – JORNAIS
AUDIOVISUAIS

A mais completa selecção de livros para Escolas e Bibliotecas

Agentes das principais casas editoras de todo o Mundo

Tel. 532-1194

MACRILL REAL ESTATE LIMITED

Hipotecas
Avaliações
Arrendamentos
Terrenos

717 COLLEGE ST. – TORONTO M6G 1C2

Comércio próspero

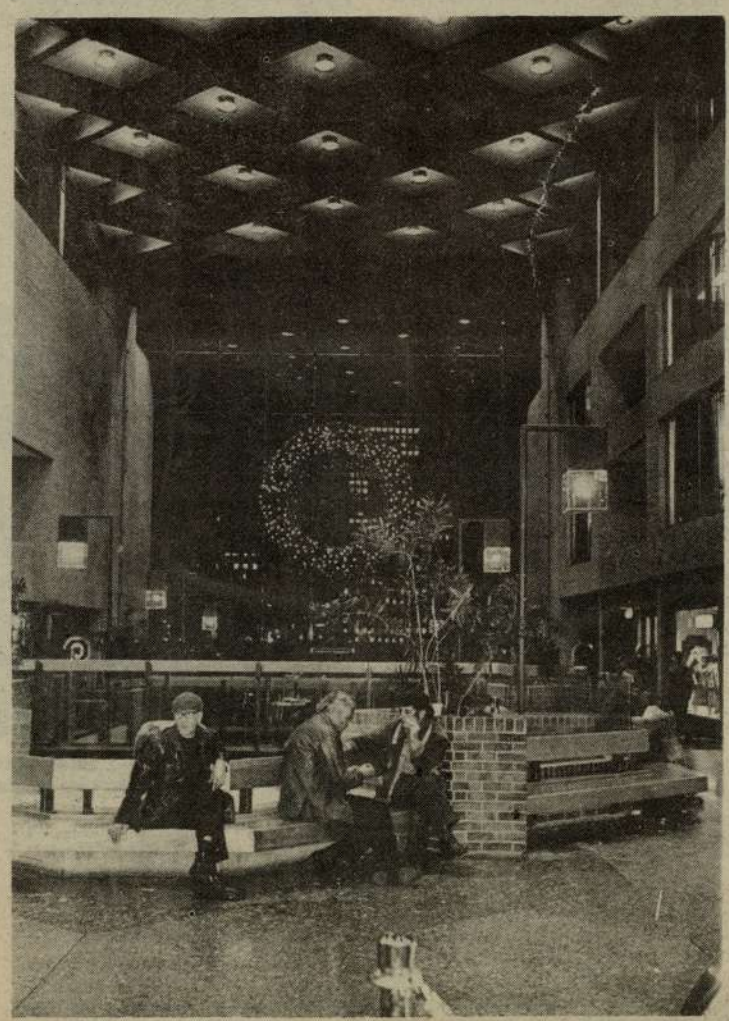
A capital do Ontário (e em certa media também a do Quebeque), caracteriza-se pela actividade comercial. Produtos de toda a parte do mundo encontram-se com grande facilidade, não importando que seja o café do Brasil, a sardinha da Póvoa de Varzim ou castanha de cajú de Moçambique.

Os portugueses, de um modo geral, possuem os seus estabelecimentos na área de Kensington — uma espécie de babel onde há de tudo um pouco. Adquiridos os estabelecimentos aos judeus, os nossos emigrantes juntaram-se o mais possível e transformaram ruas como a Augusta, Dundas, Nassau e College em ponto turistico obrigatório dos fins-de-semana. Sexta-feira e sábado não há quem consiga romper por entre clientela numerosa, parte da qual vai só para fotografar. Mas os chineses, por exemplo, cujo «chinatown» se localiza não muito longe, são dos mais fiéis compradores.

Até a TV canadiana já descobriu Kensington e os portugueses, estando presentemente a rodar uma série por entre repolhos, cebolas, tomates e couves de Bruxelas — tudo mais barato e melhor que em qualquer praça de Lisboa ou do Porto.

Mas se dominar o inglês e quiser admirar a moda, vá até às lojas elegantes de Bay Street e ficará maravilhado — com os vestidos, os manequins... e os preços. Para mais baratinho tem o «supermarket», que não vende chouriços e o que seja de comer, mas lhe apresenta pronto-a-vestir de muito boa qualidade e a um preço convidativo.

De Montreal falaremos em pormenor outra ocasião, porque ela é a Paris da América do Norte com preços de Feira da Ladra...



Interior de um centro comercial na capital do Quebeque

Ernesto Feu

(Continuação da pág. IV)

deficiência da própria fonte, seja em Portugal ou noutro lado qualquer. Tenho lido várias coisas na Imprensa portuguesa sobre o Canadá que correspondem à realidade; mas, com mágoa, leio outras que estão longe de o ser. E até muito recentemente fui vítima de um caso de deturpação de informação, pois um semanário de Lisboa publicou um texto sob a forma de entrevista comigo, no qual se retiraram declarações completamente fora do contexto em que eu as fizera, «cozinhadas» ao gosto de quem produziu aquele trabalho, mas que não correspondem, minimamente, aos meus pontos de vista, quer em relação a esta comunidade ou à posição de Portugal perante o emigrante.

Maria José Silva, portuguesa candidata à Direcção Escolar

Era a primeira vez que uma mulher portuguesa concorria para «trustee» da Direcção Escolar Católica do Bairro 4 de Toronto, ainda por cima tentando desalojar um candidato à reeleição, Frank Lofranco, canadiano, que desde 1970 desempenha tal cargo. Com a ajuda de amigos, da filha e do marido — a democracia no Novo Mundo tem destas coisas... — Maria José Silva tentou a sua chance, fazendo campanha duas horas por dia, das quatro às seis da tarde. Contou-nos que não chegou a gastar 200 dólares canadianos em cartazes, que colava a sua publicidade sobretudo em casas de portugueses — os outros candidatos procuravam retirá-la rapidamente — e era em plena via pública que abordava as pessias e discutia com elas os problemas da escola católica e o futuro das crianças que as frequentam.

Porém, Maria José obteve apenas o segundo lugar, a 933 votos do reeleito, uma vez mais, Lofranco, diferença que muita gente considera significativa de uma nova tomada de posição do eleitorado. Por isso Maria José Silva vai insistir para a próxima.

Não ganhou, é certo. Com ela, os candidatos portugueses às eleições municipais também perderam. Mas o facto dos luso-canadianos se envolverem na política, quando mal passaram 25 anos sobre a ida dos primeiros emigrantes portugueses para o Canadá, é em si um sintoma de que muitos dos nossos compatriotas se integram minimamente na sociedade local e disputam os lugares públicos ombro a ombro. E quando surgirem homens e mulheres com suficiente imagem pública, ultrapassada que esteja uma latente incapacidade colectiva de unir os portugueses pela comunidade da língua, muito haverá a esperar no futuro.

Cartaz da campanha de Maria José Silva

Restaurante Império

TÍPICA COZINHA PORTUGUESA

MÚSICA LATINA TODAS AS NOITES

F. ALVAREZ

GERENTE

349 COLLEGE STREET — TORONTO, ONTÁRIO

LISBON PLACE 1330 BLOOR ST. W. — 4 Salas para Casamentos

COMPLETAMENTE RENOVADO — AR CONDICIONADO

Telefone 923-6266

MICAELENSE HOME BAKERY, LTD.

FORNECEDORES DE PÃO E BOLOS

Clemente Rebelo

319 AUGUSTA AVENUE
TORONTO, ONTÁRIO

Canadá

António Viola: de Peniche para o Canadá há 26 anos

Já noutro local anotámos que a tentativa de determinar quem pertence ao mais antigo grupo de imigrantes chegados ao Canadá gerou alguma controvérsia na comunidade.

E, embora de 1946 a 1952 tenham entrado uns 580 portugueses, o livro «25 Anos no Canadá», de Domingos Marques e João Medeiros, faz notar, a págs 14, que «o primeiro grupo de imigrantes portugueses que veio por meio de um contrato para o Canadá, chegou a 13 de Maio de 1953, ao porto de Halifax, na Nova Escócia. Vieram esta viagem 85 homens, 67 do continente e 18 da ilha de S. Miguel, Açores, viajando a bordo do transatlântico «Satúnia», que os tomou no porto de Lisboa no dia 8 do mesmo mes».

Contudo, estivémos em Toronto em casa do homem que muitas pessoas consideram com dos mais antigos portugueses ali radicados, chegado a Halifax a 7 de Junho de 1952, cerca de um ano antes da data oficialmente considerada para o primeiro grupo.

António Faria Viola mostrou-nos, com justificado orgulho, o seu passaporte como visto de entrada de 1952. «Pai» Viola, como ouvimos uma colega de Toronto chamar-lhe, é um penichense dos quatro costados, já naturalizado canadiano mas que vai todos os anos à sua terra natal. Gostaria até de lá acabar os seus dias e tem um projecto de construção de um motel na vila que lhe serviu de berço, o que está à beira de concretizar juntamente com quatro amigos. Só à sua parte investirá mil contos — o que é um curioso dado do potencial económico da colónia portuguesa no Canadá, pois este homem é marceneiro de profissão...

Com uma dezena de velhos passaportes na mão, tantos os que teve até à opção pela nacionalidade canadiana, «pai» Viola, 56 anos plenos de juventude e um enorme brilho de satisfação nos olhos, diz-nos: **Levei um ano a amadurecer a ideia de vir para o Canadá e a tratar dos papéis, depois de em 1945 ter tentado emigrar para a Venezuela. A mania de sair de Portugal já me perseguia desde os 18 anos e, um belo dia, estando num café de Peniche, um amigo chamou-me para ler uma notícia de um jornal de Lisboa, na qual se dizia que estava aberta a emigração para o Canadá e naquele ano recebiam não sei quantos milhares de imigrantes. No dia seguinte fui para Lisboa e na Embaixada do Canadá perguntei o que era preciso fazer para embarcar. Atendeu-me uma senhora que me perguntou o que fazia, se era casado, quanto filhos tinha e mais não sei o quê. No final disse-me que sim, que me davam o visto de embarque, e que devia contactar as autoridade portuguesas para me autorizarem a sair do País. Fui à Junta de Emigração e pedi o passadporte. Perguntaram-me se tinha contrato de trablho e disse-lhes que não. Responderam-me que sem contrato não podia ir para o Canadá ou para parte alguma...**

Voltei à Embaixada do Canadá e falei à senhora que me atendeu. Soube então não existirem na altura contratos de trabalho para este país. Para resolver o problema, a senhora aconselhou-me a tirar o passaporte de turista e, após no Canadá, a legalização seria fácil. Regressei nesse mesmo dia a Peniche e dirigi-me ao presidente da Câmara, para ver se dava informação favorável a meu respeito para o Governo Civil de Leiria para poder obter o passaporte de turista. O presidente retorquiu que não podia dar quaisquer informações, pois eu não era proprietário. Fiz-lhe ver que era dono de uma oficina de marcenaria e que podia suportar as despesas da viagem. Não tive muita sorte. Aí desisti. «Mas, tempos depois, vim a saber que já tinham conseguido embarcar com passaporte de emigrantes uns cinco ou seis homens, dois dos quais do Bombarral. Tentei novamente e lá consegui o livrinho que me dava direito a emigrar.»

Três semanas a comer porco

A 26 anos de distância, a história de «pai» Viola é comum à de dezenas de milhar de portugueses que procuraram outras terras para obter o que em Portugal não tinham. Aliás, a ida deste homem para a província do Quebeque suscitaria o interesse de outros conterrâneos e até das autoridades de Lisboa, às quais chegou a escrever informando que os 20 ou 30 portugueses que então trabalhavam perto de Montreal estavam bem e os canadianos davam-lhes condições de trabalho regulares. Talvez por isso, um ano depois chegaria a Halifax o tal grupo de 85 homens contratados, os quais abriram o caminho a muitos outros.

Em 1952 o primeiro trabalho de António Viola consistiu na abertura de valas. Ganhava 90 cêntimos por hora (ao câmbio actual são 36$00) e empregou-se na construção de uma linha de caminho-de-ferro, tendo pago 50 dólares a um português que lhe arranjou colocação após a chegada. Três semanas depois outros 50 dólares para lhe proporcionarem a subida de categoria, passando então a exercer o mister de marceneiro — que sempre fora em Peniche. Um quarto de século volvido os emigrantes vão normalmente dirigidos a familiares radicados há mais tempo e que se transformam em seus protectores nos primeiros meses.

Como não podia deixar de ser, «pai» Viola tem histórias divertidas e sérias para contar, confiando-nos que, após a chegada, andou três semanas a comer costeletas de porco porque não sabia pedir outr coisa que não fosse «pork shop». **Nos primeiros tempos em que ia ao restaurante, mandava vir a lista e, como não percebia o que lá estava escrito, apontava con o dedo. Traziam-me o prato e normalmente não gostava dele! Mas um dia fui comer com um senor português que pediu costeletas de porco e aí descobri qualquer coisa de que gostava. Por isso andei três semanas a porco...**

E outra história curiosa, ainda: **Um belo dia fui a Montreal só para fazer a barba. Sentei-me na cadeira e quando o barbeiro me perguntava qualquer coisa dizia simplesmente «yes». Fui fizendo a tudo que sim e depois de panos quentes na cara, massagens com uma máquina eléctrica e mais não sei o quê, no fim cobrou-me três dólares — o que equivalia a quase um dia de trabalho»**

E António Viola foi desfiando o seu rosário da vida. Disse-nos até que, após ter regressado difinitivamente a Portugal em 1958, cinco anos depois voltaria de novo ao Canadá para livrar o filhí de ir combater em África. **«Os ricos pagavam para os filhos não irem à tropa; eu emigrei de novo, para o poder amndar para cá e não arriscar a pele no desconhecido...»**

A certa altura perguntámos-lhe se recomendaria a alguém que emigrasse ainda hoje para o Canadá. Sem hesitação, diria: **«Os operários, especialmente, precisavam muito de vir para cá. Porque em Portugal temos a mania que somos os melhores em tudo e até os mais bonitos para as mulheres, mas a verdade é que temos muito a aprender com os outros. Eu vim aprender muita coisa e hoje, 26 anos depois e já com 56, continuo a aprender todos os dias... Mesmo os engenheiros e os mestres-de-obras que andam por lá engravatados, deviam vir para aqui aprender a trabalhar ao lado do pessoal. Ate porque todos os dias surgem técnicas novas que eles desconhecem, e talvez assim reconhecessem um pouco mais o nosso valor quando lá chegamos e tentamos pôr em prática processos avançados que aprendemos aqui.»**

Da guerra de ontem à crise de hoje

Em determinado ponto da conversa disparámos uma pergunta que pensávamos exigir uma resposta pensada: pode dizer-se que em 1963 o sr. Viola fugiu à guerra colonial com seu filho. Que pensa hoje da situação política, económica e social do seu país? Sem nenhuma espécie de hesitação, comenta: **«Acho que aquele é um país estragado!...»** E logo de seguida: **«Tenho visto por lá uns tipos armados em comunistas que, se tivessem possibilidades de vir trabalhar para aqui, aprenderiam o suficiente para reconhecer que só se reconstrói um país com muito esforço e suor e não com greves, comicios e manifestações...**

«... em Portugal temos a mania que somos os melhores em tudo ... mas a verdade é que temos muito a aprender com os outros.»

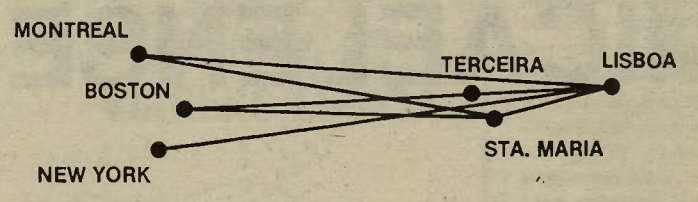
Na altura em que realizámos esta entrevista, poucos dias após a nossa chegada a Toronto, admitimos que seria possível encontrar um número razoável de pessoas com suficientes razões de queixa contra o regime deposto em 24 de Abril. Esperámos até que António Viola fosse um deles, por ter saído uma vez de Portugal para melhorar a sua vida e a segunda para livrar o filho de guerra. Dias depois perceberíamos que o desencanto acerca da actual situação do país é tal que o caso de «pai» Viola não é uma execpção.

ESPIRAL-T.P.-01.10

De Portugal para Estados Unidos e Canadá

nas rotas da TAP

A TAP é a Companhia que, à partida de Portugal, lhe oferece mais destinos nos EUA e no Canadá. Para além da ligação às Comunidades Portuguesas e aos principais centros comerciais americanos, a TAP está sempre a seu lado, através de 8 escritórios em 2 paises da América do Norte. Voando para qualquer dos 3 destinos da TAP nos EUA e Canadá, encontra sempre o acolhimento e o conforto que sabemos proporcionar aos nossos passageiros. E, acima de tudo, voar com a TAP é contribuir para o progresso económico do pais.



voe no que é seu. voe com a TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Comunicação Social

Da Rádio e TV inexpressivas à Imprensa de recortes

Os Estados canadianos do Ontário e do Quebeque são enormes em termos europeus, neles se concentrando a maior parte dos portugueses imigrados nesta zona do Mundo. Como tal, os meios de comunicação social ao serviço da comunidade lusa situam-se principalmente em Toronto e Montreal, as duas grandes metrópoles do país. No seu conjunto, jornais e casas de Rádio (não lhes chamaremos estações por razões que adiante se verão) lutam com enormes dificuldades de meios humanos, limitando os seus quadros ao mínimo imprescindível para que os empreendimentos permaneçam rentáveis. A TV é um caso à parte, constituindo como que um «hobby» para meia dúzia de homens bem situados na vida.

No capítulo Imprensa, editam-se em Toronto uns três jornais («Correio Português», «Jornal Açoriano» e «Comunidade»), com tiragem quase inexpressivas e em que uma parte do material publicado é constituído por recortes dos grandes diários e semanários de Portugal. Aparentemente o «Correio Português» é o mais importante dos três, funcionando com três elementos fixos (António Ribeiro, director; Maria Alice Ribeiro, editora, e um sobrinho do casal) e imprimindo o jornal em tipografia que se dedica à produção de vários outros jornais comunitários. A sede funciona na residência dos proprietários e cada edição tem normalmente 12 ou 16 páginas, cuja expedição, através do correio, está a cargo dos mesmos. Em Montreal a situação é semelhante, constituindo o semanário «Voz de Portugal» talvez o órgão mais representativo a nível local.

Globalmente, a soma das tiragens poderá não ultrapassar em muito os 30 000 exemplares/mês, o que dará a medida exacta das dificuldades existentes neste campo, quando a comunidade portuguesa no Canadá se avalia em perto de 200 mil pessoas (os números oficiais apontam para uns 145 mil, não entrando em linha de conta com os clandestinos).

Quanto à Rádio, estamos em crer que o seu maior problema resulta de estar limitada à emissão de programas por cabo, processo desconhecido no nosso País. Assim, «Asas do Atlântico» e «Rádio Clube Português» deverão ser as duas casas de Rádio que disputam maior audiência, tendo cada uma delas alguns profissionais de reconhecida competência e com largos anos de actividade. Situam-se ambas em Toronto, com estúdio no bairro de Kensington — a área comercial portuguesa —, sendo a primeira dirigida por Henrique Mendes (ex-locutor da RTP) e a segunda por Fernando Cruz Gomes (ex-locutor da Emissora Oficial de Angola). Em Montreal existem igualmente duas casas de rádio, «Rádio Portugal» e Rádio Centreville», com auditórios díspares. A título de curiosidade anote-se que a primeira é operada por um único homem (!), António Silva, profissional que passou por uma das mais importantes estações de rádio do Mundo (SABC de Joanesburgo) e trabalhou igualmente no Rádio Clube de Moçambique.

Em Televisão, os portugueses de Toronto têm dois programas de características distintas, sendo um diário, transmitido a partir das sete e meia da manhã, cuja captação só é possível dispondo de um conversor de canais, e outro semanal, com difusão através de todo o Estado do Ontário, quer por muita gente nos foi apontado como mais popular. Contudo, dada a inexistência dos meios próprios de produção, as limitações são muitas e o meio português local não fornece muitos motivos de interesse público.

O que mais nos surpreendeu ao longo das entrevistas que mantivemos com alguns dos responsáveis de jornais, casas de Rádio e o produtor de um programa de Televisão, é a quase completa ausência de cooperação directa com congéneres portuguesas sobretudo do sector público. Ouvimos, por isso, amargas queixas acerca do desinteresse que RDP e RTP nutrem pela comunidade portuguesa do Canadá, continuando surdas aos inúmeros pedidos que lhes têm sido dirigidos para a cedência de programas às estações e programas locais, quer de Toronto, quer de Montreal. A RDP, por exemplo, chegou ao ponto de pedir 35 contos para a cedência de uma cópia de folhetim «O Primo Basílio» que a emissora «Asas do Atlântico» pretendia retransmitir.

Os homens da Imprensa, por seu turno, embora desfrutem da facilidade de receber, como os restantes leitores, os diários e semanários de Portugal no mesmo dia em que são postos à venda em Lisboa e no Porto, recortando deles boa parte do noticiário que copiam para o seu hebdomadário, justificam-se com as dificuldades existentes para recolha de material noticioso oriundo de Portugal, considerando praticamente inútil um boletim noticioso que a ANOP envia diariamente para os Consulados de Portugal. Aliás, dada a evidente desactualização, os redactores de noticiários da Rádio nem aproveitam dez por cento do conteúdo de tal boletim pago pela Secretaria de Estado da Emigração.

Mas, perante as limitações de espaço do presente caderno, voltaremos a falar da comunicação social portuguesa no Canadá numa das próximas edições, publicando uma entrevista curiosa, que denuncia, com oportunidade, casos muito estranhos da informação fornecida por Portugal aos seus emigrantes.

A mundialmente conhecida torre de Toronto, a mais alta edificação jamais construida pelo homem (525 metros). Os portugueses trabalharam nela...

Casa de Repouso em marcha, já!

Embora o sistema médico-social do Canadá seja óptimo quando comparado com a realidade portuguesa, dele beneficiando, indistintamente, imigrantes e nacionais, a assistência à chamada terceira idade tem lacunas notórias. Dir-se-ia que a máquina rejeita as peças gastas pelo uso, lançando-as para um canto, esquecidas, entregues à sua sorte. O mesmo sucede às peças defeituosas, quando não protegidas por um qualquer seguro social em que só gente avisada pensa a tempo e horas.

Daí que uma portuguesa, com mais de uma dezena de anos de Canadá, esteja a tentar criar aquilo de que alguns compatriotas irrecuperáveis mais precisam: uma casa de repouso. Embora tenha de enfrentar inúmeras dificuldades, parte das quais devidas à incompreensão de homens que falam a mesma língua materna, Maria de Jesus Melo pareceu-nos determinada a levar o empreendimento até ao fim.

Apesar de contar apenas com cerca de 380 aderentes, que voluntariamente oferecem os dólares que podem para reunir uma quantia suficiente, Maria de Melo — como muita gente a conhece — insiste a cada momento e tenta encontrar uns milhares de portugueses, por todo o Canadá, que a ajudem a chegar junto do município de Toronto e pedir o apoio oficial que não tem sido negado a outras comunidades.

Curioso é que Maria de Jesus Melo lute quase desacompanhada, ao mesmo tempo que os ditos e mexericos toldam a ideia de cores cinzentas.

Um centro comercial de Montreal, onde há espaço para tudo. Uma gigantesca árvore de Natal, uma exposição de gravuras antigas, representação teatral e, debaixo de uma das galerias, gravação de um espectáculo de TV.

BRASIL PORTUGAL BUTCHER

Frango no espeto e no Churrasco
Leitão a Bairrada

273 AUGUSTA AVE.
TEL. 368-4923
1534 DUPONT ST.
TEL. 766-2905

TORONTO, ONT.

Os maiores sucessos da música portuguesa

Ao seu alcance, a partir de hoje, a satisfação de poder recordar todos os grandes sucessos da música portuguesa!

O álbum OS MAIORES SUCESSOS DA MÚSICA PORTUGUESA leva até sua casa as vozes incomparáveis de **Amália e Alberto Ribeiro, Fernando Farinha e Herminia, Marceneiro e Carlos Ramos, António Mourão e Celeste Rodrigues,** ao lado das vozes mais representativas da música ligeira como as de **Tony de Matos, Fernando Tordo, José Cid, Simone, Paco Bandeira** e dezenas de outros conhecidos artistas portugueses, acompanhados pelas suas orquestras e guitarras.

8 discos LP estereofónicos • **mais de 4 horas de melodias inesqueciveis** • 76 grandes sucessos da música portuguesa • 52 grandes artistas • ranchos folclóricos, orquestras e bandas de música • sumptuoso álbum-estojo • capas individuais a cores •

GRÁTIS

juntamente com o seu álbum, V. receberá 2 discos estereofónicos inteiramente grátis, no valor total de 347$50: o LP **«Sucessos em Orquestrações»**, e o single **«Os Maiores Sucessos de Mário Simões».**

RESPONDA HOJE MESMO MAS NÃO ENVIE DINHEIRO AGORA

BÓNUS DE ENCOMENDA

SIM, desejo receber OS MAIORES SUCESSOS DA MÚSICA PORTUGUESA. Para fazer a minha encomenda basta-me recortar este Bónus, colá-lo num postal ou introduzi-lo num envelope dirigido a **Selecções do Reader's Digest – Apartado 3053 – Lisboa 3,** e devolvê-lo **hoje mesmo** pelo correio.

Assinalo com um **X** a forma de pagamento que desejo.

☐ a pronto 1475$00 (mais 45$00 para despesas de embalagem e envio)

☐ a prazo um pagamento inicial de 265$00 (mais 45$00 para despesas de embalagem e envio), seguido de 5 prestações mensais de 265$00 cada.

Nome _____ Morada _____

Localidade _____

THE
PARAMOUNT
HOTEL

TELEFONE 364-2653

337 SPADINA AVE.,
TORONTO, CANADA

Canadá

Conjunto de edifícios que constituem a sede da municipalidade de Toronto. A área abobadada ao centro (semelhante a um OVNI) é a sala do Conselho Municipal.
O lago, à direita, transforma-se em pista de gelo no Inverno, fazendo as delícias de centenas de miúdos e graúdos.
O autor do projecto é Islandês e a edificação foi concluída em 1974.

Toronto: cidade onde não faltam casas

Crise de habitação é coisa desconhecida na capital do Ontário. Cidade completamente plana, Toronto caracteriza-se por edificações de um ou dois pisos, geralmente em madeira — óptimas para o Verão e ideais para o Inverno —, sendo extremamente fácil localizar um sem número de habitações para venda ou aluguer. Não só porque a oferta é grande, como todas estão bem assinaladas — normalmente com uma placa de cartão ou madeira pregada na relva do jardim. Por falar em jardim: provando as origens anglo-saxónixas da maior parte das pessoas, um pequeno quadrado de verdura é quase obrigatório na frente de cada habitação.

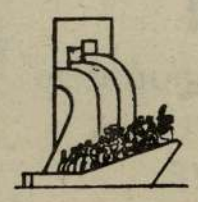
Cidade extraordinariamente grande para uma população de uns dois milhões (a mais longa avenida tem... 47 quilómetros de extensão!), dir-se-ia ter sido construída a esquadro. Artérias lançadas bem a direito e amplas para vaículos e peões, onde o tráfego circula sem problemas de maior. Buzinas, nem ouvi-las! Motorizadas, onde estão? Motos, algumas e de potência elevada. Automóveis, à americano, consumindo de 20 a 30 litros aos 100 (gasolina super a 95 cêntimos/Galão, cerca de 38$00 cada 4,5 litros). Note-se, contudo, que o preço é livre e se optar por um posto de abastecimento self-service poderá encontrar até a 86 cêntimos...

Mas, voltando às casas, a área central de Toronto, a «Baixa» à portuguesa, começa a transformar-se numa pequena Nova Iorque. Os blocos de escritórios, quase todos propriedade de companhias americanas, lançam-se em altura para trinta e muitos andares. Totalmente revestidos a vidro especial, convertem os raios solares em energia para aquecimento, dois ou três dos mais recentes. As próprias empresas comerciais de grande movimento, como «Eaton's» e «Simpson's», ocupam quarteirões inteiros com 300 ou 400 lojas de vários tipos e para todos os preços (elevados...), recorrendo ao subsolo quando o espaço começa a rarear.

Mas, com o tempo, a tradicional casa de madeira vai desaparecer. Dos gigantescos arranha-céus avistam-se já os primeiros blocos em popriedade horizontal, a sobressair do casario baixo a perder de vista, cada um deles com uns cento e poucos inquilinos, piscina privativa aquecida, sauna, mesas de ping-pong, courts de ténis, voleibol e basquetebol, além, claro, do parque de estacionamento na cave.

Nesta altura já o leitor se terá interrogado sobre os preços das casas em Toronto. Se estiver de pé, sente-se; se estiver sentado, abra bem os olhos para o que vai ler. As rendas oscilam entre os seis e doze contos mensais, correspondendo o valor mais baixo a blocos de tipo económico (superiores aos mais luxuosos portugueses) com três quartos, cozinha e casa de banho, e o mais alto aos tais apartamentos em propriedade horizontal (com o mesmo número de divisões, mais piscina, ping-pong, ténis, voleibol, basquetebol e garagem...)

Se optar pela compra da casa, os preços são muito variáveis e dependem do estado de conservação. Os portugueses normalmente adquirem casas velhas e mandam restaurá-las, saindo mais em conta. De resto, comprar casa não é problema para a maior parte. O banco financia a longo prazo (20 a 30 anos) e o juro é ligeiramente mais baixo do que o actualmente praticado em Portugal — com a diferença de que é fixo e não está sujeito às variações meteorológicas do Governo no poder.



AGÊNCIA DE
VIAGENS LISBOA

Tel.: 844-3183
844-4924

355 RACHEL ST EAST
MONTREAL, CANADÁ H2W 1E8

*Desejam um próspero 1979
a todos os Portugueses*

Educação

Iria Vieira: «O nosso maior problema são os pais ...»

Chama-se Iria Vieira, é açoriana, também licenciada por uma Universidade portuguesa, e radicou-se no Canadá há 14 anos. Em Portugal era professora do ensino secundário e pensou continuar a sê-lo no Ontário. Contudo, ao fim de uma luta de dois anos para obter equivalência ao curso superior de uma Faculdade canadiana, não conseguiu mais do que a equiparação ao bacharelato. Nunca chegou a profissionalizar-se como professora, porque, por um lado, teria de arranjar colocação numa escola; por outro, não obtinha o lugar, dado não possuir o curso de aperfeiçoamento imprescindível para obter o certificado.

Entretanto, porém, conseguia um lugar de assistente social da Direcção Escolar de Toronto, onde ainda hoje se mantém e já sem vontade de voltar às aulas.

Iria Vieira é uma das nossas entrevistadas sob o tema educação, publicando-se em breve um outro trabalho realizado em Montreal com o dr. José de Barros.

«JORNAL NOVO» — As crianças portuguesas sentem, nos primeiros tempos da sua entrada nas escolas locais, dificuldades de adaptação ao sistema vigente no Ontário?

IRIA VIEIRA — Em meu entender essas dificuldades não existem, embora sejam de considerar certos factores que dizem respeito à idade e à preparação que trazem de Portugal. Se a criança entra na escola local sem ter frequentado outra, essa integração é simples, salvo se no decorrer do programa de aprendizagem vier a revelar qualquer deficiência mental. Para os mais velhos, aí pelos 9 ou 10 anos, já com frequência de aulas mas sem bases suficientes de leitura, escrita e tabuada elementar para o seu desenvolvimento intelectual na língua portuguesa, sem dúvida que poderão ocorrer alguns problemas na adaptação a este sistema. Contudo, o problema da língua é secundário.

Ao contrário, se a criança chega aqui com preparação básica sólida há uma transferência quase automática. É evidente que estes problemas se agravam ainda mais quando deparamos com estudantes de 13, 14 ou 15 anos francamente mal preparados de Portugal, uma vez que a adaptação intelecutal do adolescente é mais difícil.

Mas talvez o maior problema seja a sensibilidade dos pais para os médotos de ensino aplicados no Canadá. Temos o exemplo dos passeios escolares, que para nós são um meio de prolongar a aprendizagem fora da escola e para certos pais um simples passatempo sem interesse. É aí que surgem, tantas e tantas vezes, problemas agudos e de muito difícil resolução.

Outra questão não menos importante é a das crianças com deficiência mental. Nas escolas canadianas existe um serviço de psicologia que determina o grau de afectação do cérebro das crianças e muitos pais não entendem o seu interesse e obstinam-se à realização de exames que, no fundo, visam apenas definir o método de aprendizagem que seus filhos devem seguir para serem recuperados.

Mesmo assim o grau de compreensão dos portugueses tem-se modificado bastante de há uns anos a esta parte, e há onze anos, quando aqui cheguei, era quase impossível convencer os pais de que os filhos deviam continuar na escola mesmo depois dos 17 anos — idade a partir da qual os jovens têm acesso ao mercado de trabalho. Hoje em dia, felizmente, até já vai sucedendo o contrário: os pais querem que os filhos sigam um curso superior e estes, às vezes, não estão intelectualmente preparados. O mesmo já não acontece quando se trata de moças, cujos pais às vezes exigem que elas estejam em casa meia hora depois de terminadas as aulas e não poucas vezes criam-se conflitos graves de difícil resolução.

Em conclusão: Os nossos maiores problemas surgem com os pais e não propriamente com os filhos.

«JN» — Perante os problemas com que pessoalmente deparou a respeito de equivalências dos cursos ministrados em Portugal e no Canadá, perguntar-lhes-íamos se uma tal situação ainda hoje existe?

IV — Naturalmente que sim, mas apenas em relação aos graduados universitários. Para alunos do ensino secundário o sistema escolar do Canadá tem métodos de avaliação de conhecimentos que determinam a equivalência.

Mas nas universidades, nas quais o Governo não tem qualquer interferência, são as próprias faculdades a determinar o grau académico canadiano de um pós-graduado vindo de Portugal.

«JN» — E como se processa a avaliação de conhecimentos de um estudante universitário chegado de Portugal com o curso incompleto?

IV — Primeiro que tudo o aluno matricula-se numa das universidades locais para lhe darem a equivalência. Sujeita-se à decisão da faculdade e poderá entrar ou não, dependendo das cadeiras concluídas em Portugal e do curso por que optou ao chegar aqui.

Mas este é de facto o campo mais difícil e onde ainda vigora o método da avaliação particular de conhecimentos. Não há, como no caso dos ensinos secundário ou primário, um método oficialmente seguido por todas as escolas superiores. Cada uma tem as suas condições próprias e não existe a padronização.

«JN» — Em Portugal o ensino é praticamente gratuito nas escolas públicas e os pais adquirem apenas os livros. O que se passa quanto ao Canadá?

IV — Neste país os ensinos primário e secundário são totalmente gratuitos e os pais contribuem para ele através do pagamento da sua contribuição predial. O ensino universitário já é pago e de custo elevado, se bem que os Governos provinciais e o federal disponham de bolsas de estudo que atribuem aos melhores alunos e de verbas especiais que concedem a alunos de fracos recursos mas com aproveitamento.

«JN» — Falou de recuperação dos deficientes e parece-nos um aspecto importante a considerar no sistema de ensino do Canadá. Como se processa, ao nível infantil, a instrução?

IV — Há bastantes possibilidades de recuperação não só mentais como físicas e no departamento escolar em que presto serviço há classes especiais para as crianças com deficiências académicas e de aprendizagem.

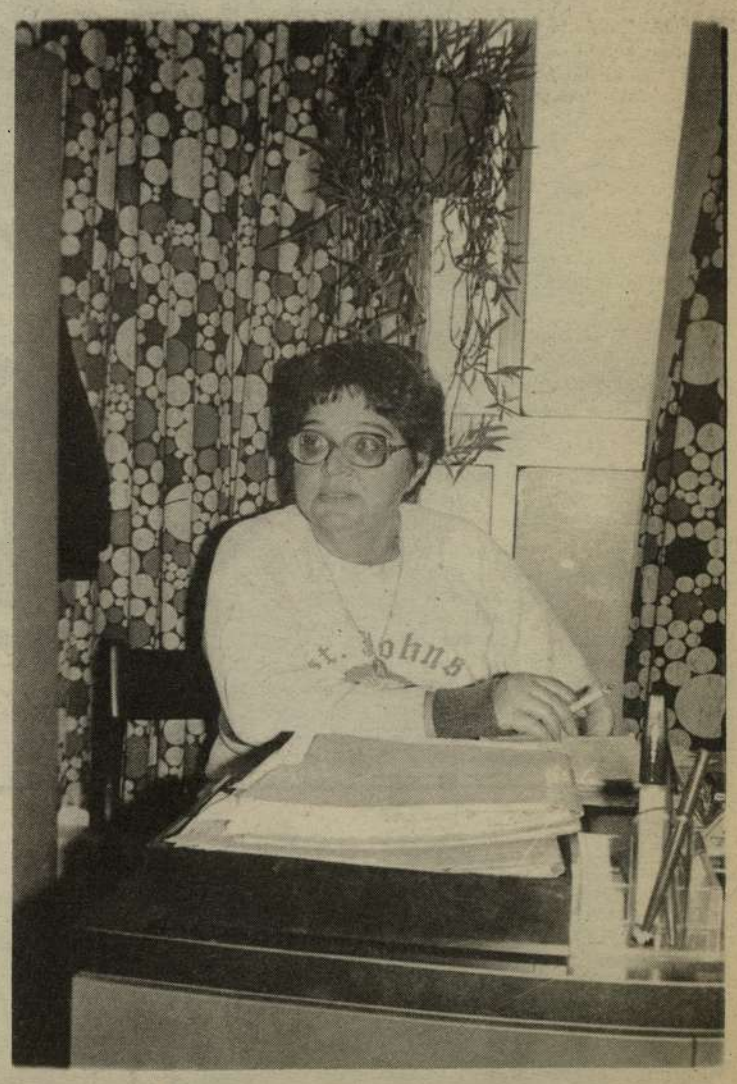
Quanto à deficiência mental, existe uma direcção separada com enorme expansão na cidade e no Estado do Ontário, fornecendo meios impressionantes de recuperação, quer ao nível escolar, quer no aspecto puramente médico, psicológico e até mesmo físico.

E, embora aos 18 anos os jovens irrecuperáveis tenham direito a uma, pensão do Estado — que se manterá até ao fim da sua vida, a terapia neste campo está hoje muito avançada e conseguem-se níveis de recuperação francamente satisfatórios.

Na comunidade portuguesa, os problemas que vão surgindo são sobretudo derivados de alguma incompreensão face às possibilidades de correcção que a medicina já hoje oferece e a que muitos não recorrem apenas por desconhecimento.

«JN» — Em que medida a política de multiculturalismo do Governo canadiano interessa à difusão da língua e cultura portuguesas?

IV — Ainda recentemente, no Congresso da Comunidade Portuguesa no Canadá, concluiu-se que essa política do Governo Local, apoiada em termos práticos por auxílio financeiro, deve servir para se promover a cultura portuguesa no meio canadiano e não especificamente ao nível da comunidade lusa. Estavam até presentes algumas individualidades do Governo do Estado e que secundaram, curiosamente, este ponto de vista.



«Há onze anos era quase impossível convencer os pais portugueses de que os filhos deviam continuar na escola depois dos 17 anos ...»

CASA das Prendas

VISITE AS NOSSAS INSTALAÇÕES
NO 802 DUNDAS ST. W. E VEJA
O MAIOR SORTIDO
NA COMUNIDADE
PORTUGUESA EM:

RELOJOARIA - OURO - PRATA
IMAGENS - FILIGRANAS
MOTIVOS DECORATIVOS
JOIAS - ESTATUETAS ETC.

802 DUNDAS ST. WEST
362-3068

169 AUGUSTA AVE.
368-5127

Solmar

APRECIE A NOSSA BOA COZINHA ENQUANTO OUVE OS MELHORES ARTISTAS PORTUGUESES

AR CONDICIONADO
SALAS DE RECPÇÕES

RESTAURANT
SOLMAR

MORADA
3699, BOUL. ST. LAURENT
SOUTHEAST OF PINE AV.
MONTREAL

Telefones 844-7748
285-9151

IMBONDEIRO IMBONDEIRO IMBONDEIRO IMBONDEIRO IMBONDEIRO
IMBONDEIRO IMBONDEIRO IMBONDEIRO IMBONDEIRO IMBONDEIRO
IMBONDEIRO IMBONDEIRO IMBONDEIRO IMBONDEIRO IMBONDEIRO
IMBONDEIRO IMBONDEIRO IMBONDEIRO IMBONDEIRO IMBONDEIRO

FORMER PORTUGUESE COLONIES ASSOCIATION • ASSOCIATION DES ANCIENNES COLONIES PORTUGAISES
IMBONDEIRO
ASSOCIAÇÃO DOS PORTUGUESES DO EX-ULTRAMAR NO CANADA

concentramos na estreiteza
desta pequena casa lusitana,
toda a energia forte e vencedora,
com que fizemos grande e promissora
essa terra Africana
Reis Ventura

IMBONDEIRO 717A College St., Toronto, Ontario Canada • Tel: (416) 535 6621

Canadá

Desalojados de África são dos mais recentes emigrantes

Calculam-se entre dois e três mil, pelo menos, os portugueses que emigraram para o Canadá após a descolonização, trocando Angola e Moçambique por um país jovem onde as condições climáticas são opostas às dos trópicos. A muitos atraiu, apenas, uma certa estabilidade política — excepção talvez feita em relação ao Quebeque, por motivos que noutro lado trataremos —, ao passo que outros foram motivados por razões familiares, económicas ou até mesmo profissionais (note-se que este país tem as suas portas permanentemente abertas a um certo tipo de técnicos).

Embora não se disponha ainda de elementos que permitam avaliar quais as províncias canadianas que mais desalojados de África receberam, estima-se que uma boa parte se fixou no Ontário e no Quebeque, devendo ser numerosos os que optaram pela Columbia Britânica, na costa canadiana voltada ao Pacífico.

Por ocasião do I Congresso da Comunidade Portuguesa no Canadá, realizado há cerca de dois meses, um grupo de participantes, membros fundadores da «Imbondeiro-Associação dos Portugueses do Ex-Ultramar no Canadá», apresentou um interessante trabalho onde são fornecidos alguns dados estatísticos que caracterizam os *novos* imigrantes. Cingir-nos-emos, por agora, apenas a eles, deixando para breve a publicação de uma entrevista com três dirigentes da «Imbondeiro».

O estudo social, baseado em entrevistas feitas a 140 pessoas idas de África para o Canadá a partir dos primeiros meses de 1975, concluiu que cerca de 60 por cento tem idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos, sendo que 90 por cento do conjunto ainda não atingiu os 50.

Desde logo a primeira conclusão é a de que se trata de um grupo predominantemente na idade mais produtiva. Interessante é que uns 46 por cento se dedicam no Canadá a trabalho não qualificado, quanto ao sector masculino, obtendo-se um valor de 26 por cento para trabalho manual no sector feminino. Ambos os sexos vieram de Angola e Moçambique predominantemente de áreas de serviços, ao passo que a transferência fez decrescer, significativamente, o número de donas de casa, o que reflecte a necessidade das mulheres contribuírem financeiramente para o agregado familiar.

A determinação do número de pessoas do agregado familiar e o nível escolar permitiu, por outro lado, apurar que 75 por cento se situa na classe média, os casais têm um ou dois filhos e o nível escolar global é o seguinte: 12 por cento com frequência universitária, 30 por cento com o 7.º ano dos liceus e somente 15 por cento com a instrução primária. Não havendo um único caso de analfabetismo entre os entrevistados, a diferença corresponde aos diferentes níveis escolares.

Curiosamente, também, cerca de metade do grupo em apreço consegue comunicar razoavelmente na língua inglesa, existindo apenas uns 13 por cento que têm fracos conhecimentos do mesmo idioma.

No estudo a que nos referimos há um capítulo especial dedicado à criança, constituindo curiosa análise dos problemas que se põem à generalidade dos novos imigrantes do Canadá.

Os filhos dos emigrantes, para o caso os oriundos de África, depararam com problemas de comunicação, de acompanhamento pelos pais e até de uma certa perda de liberdade porque a vida ao ar livre é praticamente impossível em metade do ano (note-se que as temperaturas anuais oscilam entre 30 e mais graus positivos no Verão e 10 a 20 negativos no Inverno).

A adaptação das crianças em idade escolar é em parte determinada pelo domínio que os pais possuem de uma das duas línguas oficiais (francês e inglês, conforme se encontrem ou não no Quebeque), podendo subsistir casos de frustração ou inibição junto de professores e colegas, com a consequente ocorrência de problemas de disciplina e inactividade. Mas também o facto das crianças não serem tão acompanhadas e acarinhadas pelos pais — porque estes se dedicam predominantemente a profissões com grande dispêndio de energia a que não estavam habituados — poderá obstar um pouco à adaptação.

Neste capítulo, um derradeiro aspecto a considerar é a preocupação constante dos pais por não terem a quem deixar os filhos fora dos períodos de trabalho ou escolares. Não existindo outros familiares, a solução é deixar as crianças à chamada «baby-sitter» — o que pode custar uns 3 500$00 ou mais cada mês. A alternativa é o convívio familiar, em parte perturbado pela existência de mais de uma dezena de canais de televisão a cores.

Ainda no campo da educação, importa salientar — marginalmente ao estudo em causa — que a política de multiculturalismo seguida pelo Governo Federal do Canadá permite às crianças e jovens de todas as etnias estudar em escolas bilingues, subsididadas pelos diversos departamentos estaduais, nas quais, sem prejuízo da formação curricular normal, os alunos aprofundam os seus conhecimentos da língua materna e aprendem uma das línguas nacionais. Apenas o Quebeque está um pouco mais avançado, introduzindo a partir de Janeiro a língua portuguesa como disciplina curricular dos jovens imigrantes que nela estejam interessados.

O fado está em Toronto porque os portugueses não passam sem ele. A imagem foi colhida no restaurante «O fado», de que são proprietários a fadista Fátima Ferreira (na capa deste suplemento) e o cançonetista Mano Belmonte (acima).

mirabell Theatre
1288 QUEEN ST.
(a seguir à DUFFERIN St. W)

a partir de 11 de novembro
SÁBADOS e DOMINGOS
8.30 DA NOITE
3.30 DA TARDE
8.30 DA NOITE
BILHETES À VENDA
RESTAURANTE "CALDO VERDE" - 748 College St.
"RUBY" JEWELLERY - 748 College St.
RESTAURANTE "IMPERIO" - 848 College St.

depois de 'DOMINGO ALEGRE' na TV...
uma grande REVISTA... no PALCO

hot dog... ...À PORTUGUESA!
revista em 2 actos e 20 quadros
escrita por LUIS MENDES
musicada por maestro JAIME MENDES e CASAL RIBEIRO
um sucesso da televisão agora no teatro...
uma autêntica revista portuguesa...
se barnabé...
produção do: TEATRO PORTUGUES DO CANADA
PORTUGUESE THEATRE OF CANADA
as melhores piadas e as mais bonitas canções portuguesas
as coisas que nos acontecem por cá...
um conjunto artístico que a comunidade portuguesa já merece...
riso garantido
DOMINGOS MARQUES · FER. FERREIRINHA · CARLOS GASPAR · ELISABETH CRUZ · FERNANDO VAZ
ISABEL RICARDO · MELO · SALVINA MAGALHÃES · JORGE BARBOSA · ANA PAULA
gente de teatro fazendo teatro!

Toronto, cidade canadiana com maior número de portugueses, tem, desde há cerca de um mês, a sua «revista». O êxito estava antecipadamente garantido e a comunidade acorre aos espectáculos para recordar o velho Parque Mayer. A maior parte dos artistas em cartaz é oriunda de Angola e tornaram-se já populares na capital do Ontário, após uma série de programas na TV.
Curiosamente, o produtor da peça (Luís Mendes) é co-proprietário do restaurante «Caldo Verde», situado numa das principais artérias de Toronto, que está já a transformar-se numa tertúlia de artistas dos mais variados géneros, mas todos portugueses.

MR
MOTA REALTIES CO.
Armando Mota
3664 ST. LAWRENCE BLVD.
MONTREAL, QUE.
H2X 2V4
TEL.: 288-6961
Deseja um próspero 1979 a todos os portugueses.

Bate-Chapa e Pintura
ÚNICO NA COMUNIDADE PORTUGUESA ESPECIALIZADO EM
"fiberglass".
Veja como ficou o seu carro!...
Depois de o levar a Gabriel Ferreira...
...já não o reconhecerá!...
FÁTIMA AUTO BODY
1415 BLOOR STREET WEST, TELEFONE 533-9409
TORONTO

- Frango Assado
- Costeletas de Porco
- Churrasqueira Especial
- Caldo Verde
- Febras
- Leitão
- Coelho
- Chouriço
- Codornizes

Esmerado serviço e bom ambiente
NÃO É O ÚNICO!...
MAS É O MELHOR!...
O PONTO DE ENCONTRO
PARA BOA REFEIÇÃO
Proprietário:
FRANCISCO PEDRO CASTANHEIRA
Natural de COVÃO DO COELHO – MINDE – Concelho de ALCANENA
CASA DE ASSADOS
3783 BOUL. ST. LAURENT
MONTREAL, P. Q. – Telef. 842-3513
CASTANHEIRA DO RIBATEJO
3883 BOUL. ST. LAURENT
MONTREAL, P. Q. – Telef. 845-3506

RÁDIO SOL DE PORTUGAL
A ÚNICA PRODUÇÃO RADIOFÓNICA DIÁRIA EM ONDA MÉDIA AO SERVIÇO DOS PORTUGUESES DE TORONTO HÁ 11 ANOS.
BOX 314 – OAKVILLE, ONTÁRIO – CANADÁ

FERMA
Import · Export
REPRESENTANTE EXCLUSIVO DA CONCEITUADA MARCA
MARPEIXE
PEIXO CONGELADO E FRESCO RECEBIDO
TODAS AS SEMANAS DE PORTUGAL
ARMAZENISTAS IMPORTADORES EXPORTADORES
4376, Rue CLARK – Telef. 845-0164/5 – MONTREAL

Desporto

Dois clubes para exemplificar

Entre mais de duas dezenas de clubes e associações portugueses em Totonto e Montreal, escolhemos ao acaso dois: a Casa do Benfica e o Sport Clube Lusitânia. Um e outro são filiais de clubes congéneres em Portugal, sendo-nos apontados como dois mais participados. É bom notar que, alheias ao aspecto vincadamente desportivo, existem em Toronto três associações: First Portuguese Canadian Clube, Amor à Pátria Luso-Canadian Social Clube e Portuguese Canadian Democratic Association, além da «Imbondeiro», constituída há pouco e ainda não legalizada. Apesar de tudo, não se pode dizer que um entre todos disponha de suficiente representatividade. O First Portuguese chegou a ser, de longe, a mais representativa associação, mas dissenções internas abalaram fortemente a sua estrutura.

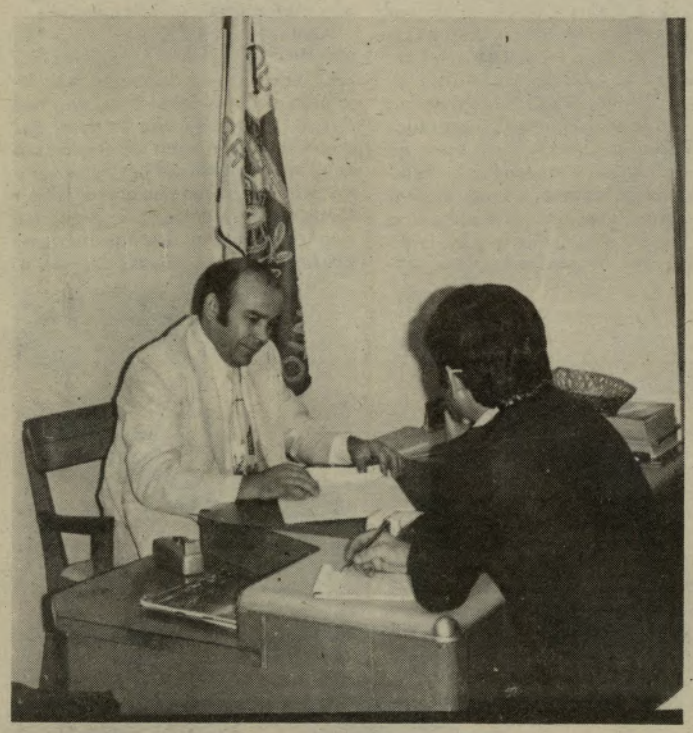
A Casa do Benfica em Toronto, fundada em Novembro de 1969, é a delegação n.º 6 do Sport Lisboa e Benfica e dispõe de uma sede alugada no centro da cidade. As quotas são de 120$00 mensais para os homens e 80$00 para as senhoras, contando com cerca de 1 200 sócios efectivos.

Para além do futebol e voleibol — 7.º lugar no campeonato amador de futebol entre clubes étnicos — possui um rancho folclórico infantil, uma biblioteca oferecida pela Secretaria de Estado da Cultura (não instalada por falta de espaço) e, além dos bailes ao sábados e domingos — onde o clube obtém boa parte das suas receitas — realizam-se exibições de filmes infantis cedidos pela Secretaria de Estado da Emigração. A média de assistência aos bailes de fim-de-semana é de umas 450 pessoas.

Anualmente o clube obtém entre 10 000 e 12 000 dólares de lucros (de 400 a 500 contos), esperando aplicar em breve as reservas acumuladas na construção de sede própria, orçamentada no milhão de dólares (40 mil contos).

O Sport Clube Lusitânia de Toronto, filial n.º 1 do Lusitânia de Angra do Heroísmo, tem 800 sócios e é vencedor da Liga de Futebol Amador Étnico de Toronto (4.ª Divisão). As actividades de fim-de-semana — os bailes e festas — constituem as suas maiores fontes de receita, contando ainda com quotizações e ofertas de comerciantes açorianos. As despesas anuais rondam os 24 000 dólares (quase mil contos) e o seu *cash-flow* é de uns 200 ou 300 contos.

Não tem sede própria (embora disponha de boas instalações, alugadas, em local privilegiado da cidade) e a quotização anual por sócio é de uns 960$00. É por muita gente considerado o mais representativo clube açoriano do Canadá.



Presidente da Direcção da Casa do Benfica em Toronto, falando-nos dos projectos.

Jorge Dias, presidente da Direcção do Lusitânia da capital do Ontário

ALFREDO FERNANDES

Sócio do Tivoli Bilhares – Toronto

Deseja um FELIZ NATAL e um PRÓSPERO 1979 a todos os portugueses da Comunidade do Canadá e aos seus compatriotas residentes em Portugal.

Toronto, Dezembro de 1978

FIVE CONTINENTS

TRAVEL AGENCY

714 COLLEGE STREET, ONTÁRIO - CANADÁ M6G 1C3

TEL: 535-1924 • 535-6641

PASSAPORTES – VISTOS

*

BILHETES

TERRA – AR – MAR

*

EXCURSÕES

*

RESERVA DE HOTÉIS

*

TRADUÇÕES

PORTUGUÊS

FRANCÊS E INGLÊS

*

SEGUROS

*

CARGA

AÉREA E MARÍTIMA

Canadá

Mais uns tantos milhares de descontentes

(Continuação da pág. II)

cada governo provincial disponha de verbas para subsidiar organizações e manifestações étnicas, ao nível dos portugueses pouco se faz. As pessoas não estão suficientemente motivadas a participar. Dois exemplos frisantes: em Toronto, comemoraram-se há pouco os 25 anos da primeira emigração portuguesa em grupo para o Canadá. A efeméride foi motivo de discórdia a vários níveis, porque apareceu sempre um indivíduo a reivindicar o estatuto de mais antigo no país. Em Montreal, por outro lado, o governo provincial mandou proceder a um inquérito junto dos portugueses, para determinar o interesse na adopção da nossa língua como uma das disciplinas curriculares do ensino oficial. Embora tenham sido distribuídos milhares de boletins, à entidade recebedora foram devolvidos apenas 200!

Como não poderia deixar de ser, a revolução portuguesa criou outro tipo de problemas e agravou as coisas. O «gonçalvismo» deixou marcas profundas em muita gente e o que se lhe tem seguido idem. Ontem, como hoje, a carência de informação oportuna e séria sobre Portugal abre caminho fácil aos vendedores de ilusões dos mais diferentes matizes políticos. E nem mesmo os esforços que um punhado de profissionais da comunicação social localmente vem desenvolvendo altera o rumo das coisas, porque o problema os ultrapassa e a cooperação de Lisboa é imprescindível.

Apesar de tudo, o prestígio dos portugueses é notório. Contam até com verdadeiros amigos no governo provincial, apontando-se o caso de Larry Grossman, ministro do Comércio do Ontário, como exemplar.

Um valor reconhecido

O que é importante assinalar hoje na comunidade portuguesa do Canadá, não é tanto à sua presença no comércio e indústria, a existência de ruas com nomes nacionais e o consumo da sardinha de Peniche. Representantivo, sim, que os bancos canadianos considerem os nossos compatriotas como os seus clientes mais cumpridores (numa área de quatro milhas chegam a existir mais de 25 milhões de dólares de empréstimos, algo como 100 mil contos!); 300 clientes de um banco português tenham depositado em Montreal uns 40 000 contos num curto espaço de dias e o município de Toronto tenha atribuído à comunidade portuguesa um prémio pela sua contribuição em prol do embelezamento da cidade.

Isto é a presença constante dos operários portugueses em alguns dos mais importantes trabalhos de engenharia — como é o caso da torre de Toronto, cujos 525 metros significam a mais alta obra jamais erguida pelo homem —, aliado à opinião generalizada de que o trabalhador português é voluntarioso e dedicado, quase nos obrigam a abrir a boca de espanto quando se sabe das divisões existentes no seio da comunidade.

É certo que há quem aposte na clivagem, vivendo de expedientes dela resultantes. Iríamos encontrar gente dessa. Mas a disposição das pessoas facilita muito esse trabalho sujo, subsistindo imensas dificuldades a quem pretenda alterar o rumo das coisas. Estamos em crer que o governo português pode contribuir de algum modo na solução deste problema, se tiver a capacidade suficiente de patrocinar iniciativas de carácter cultural no meio da própria comunidade. Certos artistas idos de Portugal usam por vezes uma linguagem que o auditório não entende, procurando demonstrar um intelectualismo que, lá como ca, acaba por ser prejudicial à própria cultura. Daí que o estímulo aos valores locais surja como o primeiro e mais frutuoso trabalho. E apercebemo-nos da existência de pistas curiosas nesse sentido.

Um aviso, contudo, parece-nos útil deixar aqui bem expresso: qualquer intenção oficial deve surgir no Canadá despida de intenções paternalistas, porque linguagem do tipo «querido emigrante» é despropositada e tem efeitos contraproducentes. Actos desse género têm chocado a comunidade, aumentando a sua desconfiança em relação aos objectivos reais de tudo o que lhes chega de Portugal.

Mas há outras áreas em que as autoridades de Lisboa devem actuar imediatamente, a mais urgente das quais será a protecção à Terceira Idade. Embora o Canadá disponha de um serviço médico-social exemplar, as reformas são baixas e quem não tiver um seguro para a velhice encontrará algumas dificuldades de sobrevivência.

Daí que um acordo de segurança social com o Canadá deva estar na primeira linha de preocupações da diplomacia portuguesa, pois não faz sentido que os emigrantes dediquem uma vida inteira a um país, não tendo direito a uma pensão de reforma suficiente e estarem sujeitos às suas constantes alterações legislativas. Note-se que italianos, gregos e chineses já hoje negociaram instrumentos desse tipo e os seus cidadãos beneficiam de regimes preferenciais na lei canadiana.

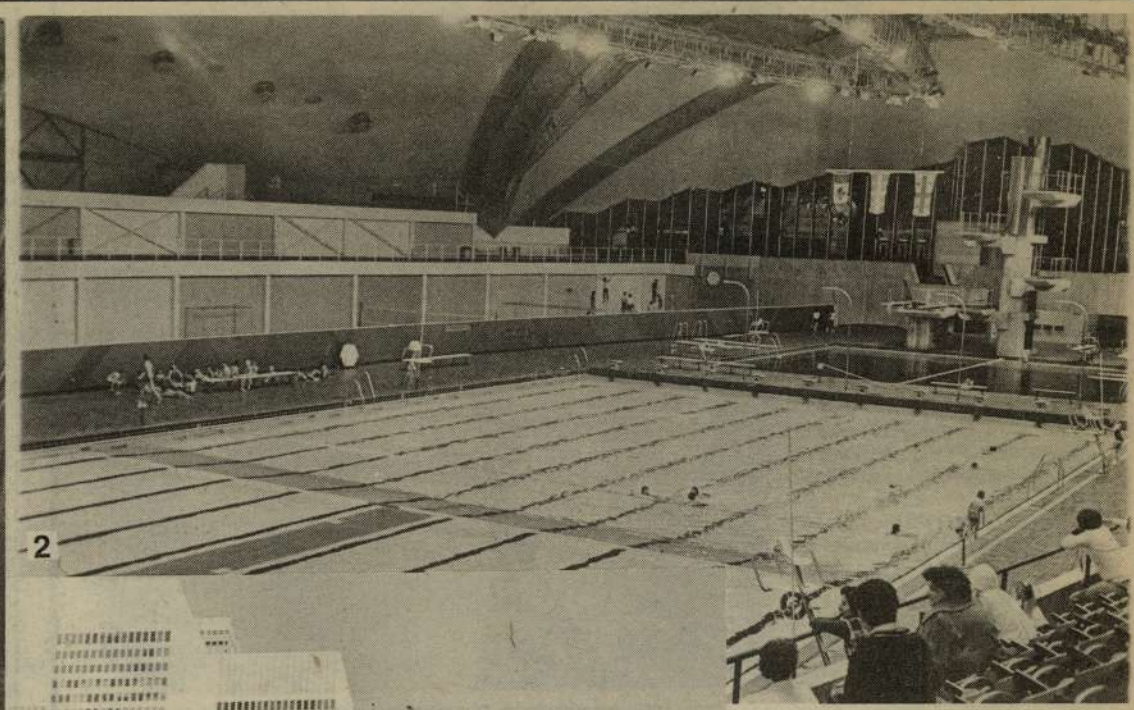
Ainda ao nível diplomático, o Ministério dos Negócios Estrangeiros deverá interessar-se vivamente pela resolução de problemas existentes nas missões consulares. Em Toronto, por exemplo, as carências de pessoal são notórias. O estudo dos problemas postos pela integração dos portugueses é tarefa das mais delicadas que um funcionários consular desempenha, pelo que limitar a duas pessoas uma comunidade de quase 100 mil se afigura exíguo.

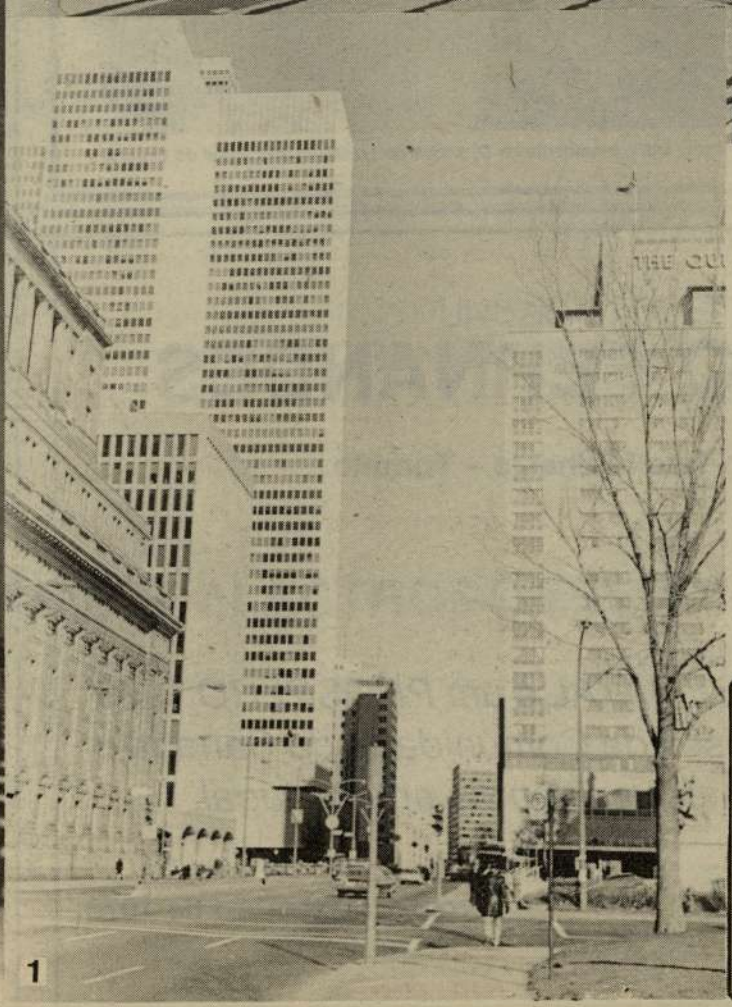
Depois, o governo português têm obrigação de prestar uma assistência exemplar aos nacionais emigrados, não se admitindo a dispersão de órgãos e centros de informação como existe em Toronto. Independentemente dos serviços oferecidos pelo governo canadiano, que dispõem de funcionários portugueses, o emigrante tem no Ontário e no Quebeque uma profusão imensa de departamentos particulares de esclarecimento e ajuda, uns gratuitos e outros não (como é o caso de certas agências de viagens que cobram determinadas importâncias para preencher um requerimento ou tratar de um qualquer problema burocrático). Desde as igrejas portuguesas e canadianas, passando pelas organizações com fins lucrativos e terminando nas associações subsidiadas, toda a gente informa melhor ou pior e, curiosamente, o consulado é o serviço menos procurado. Não por menor boa vontade, mas apenas por inexistência de meios humanos disponíveis.

Interessante, ainda, que os vencimentos de certos funcionários estejam sujeitos às variações cambiais e não usufruam de direitos idênticos aos dos seus colegas na Europa. Quem depende da Secretaria de Estado da Emigração, por exemplo, no Velho Continente integra-se no esquema de segurança social do país onde presta serviço. No Canadá, porém, vigoram os direitos concedidos em Lisboa pela ADSE — pagamento de metade das despesas médicas e medicamentosas —, descontando-se também para o Ontário Health Plan que controla o serviço médico-social. Conclui-se que ser funcionário consular no Novo Mundo não é vantajoso, razão pela qual os lugares da Europa são mais disputados...

(continua)

Aula de francês para portugueses, na igreja de Santa Cruz em Montreal (onde se venera a imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres, ao qual os açoreanos do Quebeque dedicam anualmente uma importante festa).





1) Edifícios de escritórios no centro de Montreal, alguns dos quais já um mês antes do Natal lembravam ao visitante que a festa da família se aproxima.

2) A piscina do complexo olímpico de Montreal, onde se realizaram os jogos de 1976. Apesar da muita discussão que ainda hoje rodeia as construções, toda a gente quer saber para que se gastou tanto dinheiro, presentemente elas estão completamente disponíveis para jovens e desportistas de um modo geral, sem limitações.

3) Sé Catedral de Montreal, construída segundo o modelo da Basílica de S. Pedro no Vaticano.

jornal novo